

Encontros-semente

Adélia Borges*

A tradição na lida com a madeira e nos trabalhos têxteis na Ilha do Ferro, assim como em toda a região do Baixo São Francisco, já era antiga. Mas foi a partir da visita da museóloga Cármen Lúcia Dantas e do fotógrafo e cineasta Celso Brandão em 1983 que uma nova dimensão se abre. As fotografias que vemos nesta exposição registram os primeiros encontros entre quem veio de fora e os moradores, e um pouco da vida na Ilha na década de 1980. Os visitantes se deslumbraram com a alta voltagem criativa dos objetos feitos por Fernando Rodrigues dos Santos para o Bar Redondo e com o primor do bordado Boa Noite. A aquisição das primeiras peças – aqui representadas pelo pitu comprado por Celso – e as outras fotos e os vídeos feitos por Celso serviram de abre-alas para divulgar essa arte para além das suas divisas.

Esses encontros foram como uma fagulha, gerando transformações para ambos os lados. Do lado de quem estava e está na Ilha, mais e mais moradores foram estimulados a dar asas à sua imaginação criativa, não mais criando objetos apenas utilitários para uso em seu cotidiano, mas também objetos para venda fora daqui, o que passou a gerar parcelas cada vez maiores de seus sustentos. Não precisaram deixar seus locais de origem em busca de condições de vida dignas, como acontece em tantas outras localidades do país. Em alguns casos, familiares que haviam migrado puderam voltar. E novos artistas “brotam” a cada dia, agora incluindo a geração dos netos dos iniciantes e o território expandido da Ilha, mostrando o poder da economia criativa.

Já do lado dos forasteiros – entre os quais me incluo – os ganhos foram imensos. Pudemos nos encantar com obras de arte que falam ao nosso coração e que trazem um pouco da Ilha para as nossas casas. Os privilegiados que podem frequentar a Ilha encontram aqui a vida no potencial máximo de alegria e de estado de criação, e precisam voltar de tempos em tempos para calibrar as suas almas no encontro com esse povo tão hospitaleiro.

A Ilha do Ferro se tornou um orgulho para o Brasil, com obras espalhadas pelos quatro cantos do país e também no exterior. A efervescência cultural da Ilha do Ferro contamina familiares, vizinhos da região do Baixo São Francisco, e vai alargando as expressões dos moradores, não só em artes visuais, design e artesanato, como também nos folguedos populares, na contação de histórias e na música. Tudo isso atrai um número crescente de turistas, o que, se por um lado traz geração de renda imediata para os locais, também pode afetar a própria essência da Ilha do Ferro, se essa aproximação se der de forma desordenada e/ ou desrespeitosa. As condições em que essa troca é positiva para os moradores e as condições em que ela não ameace o próprio tesouro que é a Ilha deveriam ser objeto de reflexão e debate.

Fotografias nos ajudam a nos lembrar de passagens de nossas vidas e/ ou das vidas das comunidades às quais pertencemos. Que essa exposição estimule os moradores a gerarem suas próprias imagens, a partir dos seus pontos-de-vista. Que ela sirva ainda para que os habitantes se apropriem da sua história e prossigam na sua jornada, com liberdade, acreditando em si mesmos, ficando firmes nessa vida de comunidade que é tão bonita de se

ver, um lugar onde há convivência amistosa de pessoas de várias classes sociais e idades, a vida em que uma neta passa a colaborar com o avô e em que um neto faz um livreto de cordel homenageando o avô. Que continuem experimentando e semeando novos caminhos sempre, pois a única coisa imutável de tudo o que está vivo é o estado de constante transformação.

* Adélia Borges nasceu em Cássia, Minas Gerais, perto da nascente do Rio São Francisco. Desde 1970 mora em São Paulo, onde escreve livros e organiza exposições e eventos na área do design e do artesanato. Frequenta a Ilha do Ferro há duas décadas e já colocou obras daqui em várias exposições no Brasil e no exterior.